

POLIFONIA	GUIABÁ	EdUFMT	V. 14	p. 75-93	2007	ISSN 0104-687X
-----------	--------	--------	-------	----------	------	----------------

**EDNA PONTELLIER NA DIALOGIA DAS PALAVRAS-PRINCÍPIO:
ANALISANDO *THE AWAKENING* DE KATE CHOPIN**

Dilys Karen Rees*

RESUMO: Este artigo discute o romance *The Awakening* escrito pela autora americana Kate Chopin no final do Século 19. A discussão é centrada na personagem central Edna Pontellier cujas ações e atitudes são analisadas do ponto de vista da filosofia hermenêutica de Gadamer e da filosofia da existência de Buber. A conversação hermenêutica, com os conceitos de “EU – TU” e “EU – ISSO”, forma a base da análise.

PALAVRAS-CHAVE: hermenêutica, literatura, compreensão

**EDNA PONTELLIER IN THE DIALOGY OF WORDS-PRINCIPLE:
ANALYZING THE AWAKENING BY KATE CHOPIN**

ABSTRACT: This article discusses the novel *The Awakening* written by the American author Kate Chopin at the end of the 19th Century. The discussion centers around the main character Edna Pontellier and analyses her actions and attitudes from the point of view of Gadamer’s philosophical hermeneutics and Buber’s philosophy of existence. The main concepts used are those of the hermeneutical conversation and the words “I – THOU” and “I – OBJECT”.

KEYWORDS: hermeneutics, literature, comprehension

* Dilys Karen Rees é professora doutora do Departamento de Língua e Literaturas Estrangeiras da Universidade Federal de Goiás.

Kate Chopin, autora americana do final do século XIX, é definida por Robinson (1988) como “urbana, aristocrática, sulista, francesa e católica”. A mãe de Kate era *Creole*, do estado de Louisiana situado no sul dos Estados Unidos, como também era o marido, Oscar Chopin. Os *Creoles* se definiam, em oposição aos americanos de fala inglesa e geralmente de religião protestante, como falantes da língua francesa, descendentes dos colonos franceses que tomaram posse de um grande território no centro-sul do continente norte-americano em nome do rei da França, Louis XIV. O território de Louisiana tem uma história variada, pois a colônia passou das mãos dos franceses para as mãos dos espanhóis, voltando aos franceses antes de ser vendido para os Estados Unidos. Além das mudanças do poder colonial e as conseqüentes diferenças de língua e de cultura, o território recebeu os *Acadiens*, hoje conhecidos como os *Cajuns*, vindos de *New Brunswick*, *Nova Scotia* e *Prince Edward Island*, colônias inglesas que se tornariam, mais tarde, províncias do Canadá. Havia, também, a influência negra dos escravos africanos que foram levadas a essa região e que se destacaram, no decorrer dos anos, como originários do *jazz* de Nova Orleans e como parte integral da rica mistura cultural dessa região.

Após a morte do seu marido, Kate Chopin, mãe de seis filhos, passou a escrever contos, que ela enviava a diversas revistas, por amor ao ofício de escritor e para ajudar no orçamento familiar. Os temas das suas histórias se referem ao universo feminino e discutem o desejo versus as obrigações sociais (*A Respectable Woman*), a perda da identidade no casamento e na maternidade (*Desirée's Baby*), a responsabilidade da maternidade e da conseqüente perda de individualidade (*A Pair of Silk Stockings*), o casamento como algo que sufoca (*The Story of an Hour*). Por outro lado, há também contos que mostram a alegria da maternidade e do casamento (*Regret*, *Athénaise*, *Polydore*). São os paradoxos da vivência feminina.

Em 1899, Kate Chopin publicou o romance *The Awakening*, causando um furor entre os críticos e os membros do público, com o resultado de que o livro foi banido de bibliotecas e ela mesma banida da sociedade literária de *St. Louis, Missouri*, cidade onde residia na época. Durante décadas, a autora foi

lembrada simplesmente como membro dos regionalistas do fim do século XIX, no entanto na década de 1970, *The Awakening* foi redescoberto e o livro passou a ser considerado uma obra-prima da literatura americana.

The Awakening

Edna Pontellier uma jovem senhora, casada com dois filhos, é a personagem principal do livro. O marido é um *Creole*, mas ela é americana do estado de Kentucky e estranha os hábitos da sociedade da qual agora faz parte.

Os primeiros capítulos do romance *The Awakening*, ocorrem durante as férias do casal com os filhos em uma pousada situada numa ilha, *Grand Isle*, no Golfo do México, próxima à cidade de Nova Orleans. É nesse ambiente idílico e familiar que Edna começa a sentir um crescente descontentamento com a sua vida, “Resumindo, Sra. Pontellier estava começando a compreender a sua posição no universo como um ser humano, e a reconhecer a sua relação como indivíduo ao mundo dentro de si e a sua volta” (CHOPIN, 1981, Cap. VI, p. 17).¹

O despertar de Edna Pontellier se relaciona, nesses capítulos, à voz do mar que é definida como, “[...]sedutora; incessante, sussurrante, queixosa, murmurante, convidando a alma a peregrinar, por uma temporada, em abismos de solidão; para se perder em labirintos de contemplação interior” (CHOPIN, 1981, Cap. VI, p. 18). Ela não sabe nadar e tem medo da água, passando o verão inteiro numa vã tentativa de dominar essa habilidade. Finalmente, em uma noite no final da temporada, junto com os outros hóspedes, ela, tomada de uma grande alegria, se joga ao mar e consegue nadar, “Um sentimento de exultação apoderou-se dela como se um poder de grandiosa importância tinha sido dado a ela para controlar o funcionamento do seu corpo e da sua alma...Ela queria nadar para longe, onde nenhuma

¹ Todas as traduções são de minha autoria. Nas citações do romance, optei por manter as palavras francesas e não traduzi-las. Também optei por colocar o capítulo além da página da citação, para facilitar ao leitor que queira procurar a citação em outra edição.

outra mulher tinha ido antes” (CHOPIN, 1981, Cap. X, p. 37). A distância que ela percorre é pouca, mas para ela, uma nadadora inexperiente, a distância é grande e por um momento, ela contempla a morte. Somente com um esforço maior, ela consegue voltar à praia.

Com a volta da família à cidade de Nova Orleans, Edna começa a colocar em prática várias mudanças na sua vida. Ela nutre uma paixão secreta por um dos hóspedes da pousada, Robert Lebrun, e sonha em encontrá-lo. Ela decide ser artista e sair da casa do marido. Em seguida, ela comete adultério com um homem, Arobin, que a seduz e desperta seu desejo. Finalmente, ao ser deixada por Robert, fato que é comunicado a ela por meio de um bilhete, “Eu te amo. Adeus – porque te amo” (CHOPIN, 1981, Cap. XXXVIII, p. 152), Edna volta à ilha e a um último e fatal encontro com o mar. Assim, o mar figura como um personagem tanto no início quanto no final do livro.

A maioria dos leitores entende que Sra. Pontellier se mata intencionalmente, indo de fato à *Grand Isle* para este fim. Outros não vêem intencionalidade, mas um acidente em que Edna, mais uma vez, como no início do livro e demonstrado também em suas tentativas de liberdade durante o percurso da história, subestima a força do mar contra a qual está nadando, se exaurindo e não conseguindo chegar de volta à praia.

Muitos críticos entendem o final do livro como uma dialética entre o desejo de Edna por liberdade e a condenação daquele desejo por parte da sociedade. O mar se torna uma metáfora da linguagem da rebelião, pois Edna, ao se despir, se apresenta como uma criatura que nasce do mar. Ela consegue um momento de conscientização e de visão clara da sua vida. Certamente, o texto de Kate Chopin deixa o leitor perante um quebra-cabeça e se abre para interpretações diversas (TREU, 2000). Dessa maneira, a seguir pretendo contribuir para a discussão sobre *The Awakening*, analisando o texto a partir de conceitos da filosofia hermenêutica de Hans-Georg Gadamer (1999) e da filosofia da existência de Martin Buber (1974).

A compreensão na filosofia hermenêutica de Gadamer

Na concepção de Gadamer (1999, p. 393), compreender é o caráter real e original da própria vida humana. Buscamos, a todo momento, compreender e entender o mundo a nossa volta. Essa busca é universal, visto que toda humanidade se vê inserida nesse movimento de interpretação. Esse movimento não é o encontro unilateral com algo externo que deseja ser admitido na nossa vivência. Mas, ao viver, nos vemos inseridos no momento, fazendo parte do fluxo de compreensão. Por meio desse movimento, nos tornamos acessíveis para o novo e o diferente. Assim, podemos afirmar a universalidade da experiência hermenêutica, ou seja, da experiência interpretativa da vida, já que ela acontece a todo ser humano em todos os momentos da sua vida. A tarefa da hermenêutica filosófica é, portanto, explicar “o milagre da compreensão” (GADAMER, 1999, p. 438).

No momento hermenêutico, há uma preocupação em criar uma ponte entre o mundo familiar, em que nos situamos, e o significado estranho que se recusa a assimilar-se ao horizonte do nosso mundo. Esse momento se processa como uma conversa composta de perguntas e respostas, sem que haja uma palavra final e última. A compreensão é possível no momento em que um significado surge na linguagem da conversa, do vaivém da pergunta e resposta que compõem o momento hermenêutico.

Segundo esse posicionamento, “(a) linguagem não é somente um dos dotes, de que se encontra apetrechado o homem, tal como está no mundo, mas nela se baseia e representa o fato de que os homens simplesmente têm mundo” (Gadamer, 1999, p. 643). É por meio da linguagem que o ser humano constitui a existência do mundo, visto que a relação humana com o mundo é lingüística. O homem toma posse do seu mundo e o incorpora através da linguagem, seja qual for a sua cultura. O homem traz o mundo à fala usando a linguagem. Referindo-nos novamente às palavras de Gadamer (1977, p. 35), vemos que “(a) realidade não ocorre por detrás da linguagem [...]. A realidade ocorre precisamente dentro da linguagem”.

O outro é um elemento essencial da compreensão. O ato de compreender é constituído em relação ao outro, uma vez que

compreender é ter a capacidade de ouvir a voz do outro. A abertura ao outro implica deixar valer em mim algo que para mim é estranho e diferente, isto é, algo que é contra mim. Esse momento hermenêutico acontece quando o “EU” experimenta o outro como o “TU” do diálogo (GADAMER, 1999, p. 532). Ao fazer isto, o “EU” se coloca em posição de abertura para ouvir e compreender a posição diferente.

Ao entrarmos no jogo do diálogo, nos abrimos para “a alteridade do outro” (RISSER, 1997, p. 136). Nessa abertura, mudamos, não para reproduzir o outro, mas para produzir novos significados e projetar novas expectativas. Enfim, a situação hermenêutica do intérprete é mudada no jogo da conversação. De fato, vivemos na polaridade da familiaridade e da estranheza e é nela que se encontra a tarefa hermenêutica. Essa tarefa não consiste em retirar o estranho ou abolir o diferente, mas em encontrar e lidar com aquilo que não nos é familiar na nossa vivência diária.

A compreensão é sempre mais do que a reprodução da opinião alheia, visto que a compreensão é produtiva e abre caminho para novas perguntas e respostas. O compreender acaba por apropriar para nós mesmos aquilo que nos foi estranho (GADAMER, 1977, p. 19). Essa apropriação não ocorre no sentido reprodutivo, porque aquilo que dá significado ao estranho é introduzido na nossa opinião, transformando-a em algo novo.

A compreensão, no projeto hermenêutico de Gadamer, rejeita o extremo que reduz o ser humano a um objeto entendido completamente por meio da estatística, como também rejeita o extremo da subjetividade de uma consciência empática com o outro. Na compreensão gadameriana há um reconhecimento da finitude e da falibilidade dos participantes do diálogo. A fusão de horizontes no evento hermenêutico é contínua. Isto é, o momento em que há uma interação que cria novas percepções e regras para comporem o horizonte não acontece uma vez, para nunca mais ser repetida, mas é um processo constante. Não é um progresso por várias etapas até chegar-se à completude do saber, mas é uma abertura a novas experiências.

As palavras-princípio de Buber

Na filosofia do diálogo de Buber (1974), a existência humana é descrita por meio das relações, “EU – TU”, “EU - ISSO”. Nas palavras do filósofo, “[n]ão há EU em si, mas apenas o EU da palavra-princípio EU – TU e o EU da palavra-princípio EU – ISSO” (p. 4).

“EU - ISSO” está restrito ao domínio dos verbos transitivos exemplificados no texto como, “Eu percebo alguma coisa. Eu experimento alguma coisa, ou represento alguma coisa, eu quero alguma coisa, ou sinto alguma coisa, eu penso em alguma coisa” (p. 4). No entanto, o ser humano não se restringe a esse domínio, mas também vivencia o “EU – TU”. As duas palavras-princípio são processos “[...] que se entrelaçam numa profunda dualidade” (Buber, p. 20), no entanto quem vivencia o domínio da palavra-princípio “EU –TU”, não possui coisa alguma, mas “permanece em relação”, pois essa palavra-princípio fundamenta o mundo da relação, que é o lugar onde o “EU” se define e se realiza, “é tornando EU que digo TU” (p. 13). Segundo o autor, o mundo da relação se realiza em três esferas: a vida com a natureza, a vida com os homens e a vida com os seres espirituais (p. 7), já que, “[t]oda vida atual é encontro” (p. 13). Buber pergunta, “Mas como podemos incluir o inefável no reino das palavras-princípio?” e responde, “Em cada uma das esferas, graças a tudo aquilo que se nos torna presente, nós vislumbramos a orla do TU eterno, nós sentimos em cada TU um sopro provindo dele, nós o invocamos à maneira própria de cada esfera” (p. 7).

Buber (1974, p. 73) postula a existência do “egótico” pelo fato de que o “EU” da palavra-princípio ‘EU – TU’ é diferente do “EU” da palavra-princípio “EU – ISSO”, pois na primeira palavra-princípio o “EU” “se conscientiza como subjetividade”. Já na segunda palavra-princípio, o “EU” “toma consciência de si como sujeito (de experiência e de utilização)”. Na primeira situação, a pessoa toma consciência de si como um “ser-com”, enquanto que na segunda situação, a pessoa toma consciência de si como “um ente-que-é-assim e não-de-outro-modo” (p. 74). O egótico se contrapõe ao outro, “o pôr-se à parte e a tomada de posse; ambas operações se passam no Isso[...]” (p. 75). No entanto, para Buber

(1974, p. 76), não há dois tipos de seres humanos, mas dois pólos do humano, “[h]omem algum é puramente pessoa, e nenhum é puramente egótico”. Entretanto, “há homens[...] cuja dimensão de pessoa é tão determinante que se podem chamar de pessoas, e outros cuja dimensão de egotismo é tão preponderante que se pode atribuir-lhes o nome de egótico” (p. 76).

Assim usarei os conceitos tanto da filosofia hermenêutica de Gadamer quanto da filosofia da existência de Buber para analisar a vivência de Edna Pontellier, a personagem principal de *The Awakening*. Para isto, examinarei, primeiro, o casamento dos Pontelliers, segundo, as vozes que interpelam Edna, vindas tanto de dentro da sociedade quanto de fora, e, por último, considerarei a incapacidade de Edna em achar um caminho para a sua vida.

O casamento dos Pontelliers

Os Pontelliers têm um casamento típico da sociedade em que estão inseridos. Sr. Pontellier trabalha na cidade de Nova Orleans, dando uma vida confortável à esposa e aos filhos. Assim, nos primeiros capítulos em que estão tirando férias de verão em Grand Isle, o Sr. Pontellier vai à ilha somente nos finais de semana, visto que ele passa o resto da semana trabalhando, justamente para providenciar a vida de classe média alta que Edna usufrui. O papel de marido na sociedade *Creole* é o de patriarca, que providencia o sustento da família. Por outro lado, o papel de Edna, a esposa, também tem regras pré-estabelecidas. Ela deve cuidar dos filhos e da casa, oferecendo um lar confortável para o marido quando ele retorna à casa no final do dia.

O casamento dos Pontelliers, no entanto, tem conflitos nessa divisão de tarefas. Ao voltar de uma noite passada com amigos, Léonce encontra Edna dormindo e pouco atenta às suas histórias. Ele “achava muito desanimador que sua esposa, o único objeto da sua existência, demonstrava tão pouco interesse nas coisas que o preocupavam e que valorizava tão pouco a sua conversa” (CHOPIN, 1988, Cap. III, p. 6). Edna, depois de ser acordada pelo marido e acusada de não ser uma boa mãe, passa parte da madrugada chorando, sentada sozinha na varanda da

cabana que ocupavam em *Grand Isle*. Essa reação, no entanto, não era comum para ela, “Ela não poderia ter dito por que chorava. Tais experiências, como a anterior, não eram incomuns na sua vida de casada” (p. 8). Edna sente uma “opressão indescritível” que “[e]ra como uma sombra, como uma névoa passando pelo dia de verão da sua alma”. Ela não lamenta o seu casamento, nem fica atacando seu marido, mas chora por causa desse sentimento estranho e não familiar que toma posse da sua alma.

Léonce, ao voltar à Nova Orleans na segunda-feira, envia uma caixa cheia de guloseimas, bombons, vinhos, patês, frutas, que Edna reparte com os outros hóspedes da pousada, “...todos declararam que Sr. Pontellier era o melhor marido do mundo. Sra. Pontellier foi forçada a admitir que ela não conhecia nenhum melhor” (p. 9).

No casamento dos Pontellier é possível constatar que não há diálogo no sentido gadameriano em que o “EU” experimenta o outro como um “TU” do diálogo, característica que comporta a abertura para ouvir a posição diferente, em que a alteridade do outro se torna aparente. Na verdade, Edna parece fazer parte dos pertences de Léonce, dos quais ele tem muito orgulho, “[e]le valorizava grandemente os seus pertences, principalmente porque eram dele, e recebia um grande prazer na contemplação de um quadro, uma estatueta, uma cortina de renda rara – não importava o quê – depois de tê-lo comprado e colocado entre os seus pertences domésticos” (CHOPIN, 1988, capítulo XVII, p. 67).

Léonce espera que Edna cumpra com as suas obrigações sociais e domésticas e quando ela, ao voltar à Nova Orleans, deixa de lado as recepções de terça-feira que tradicionalmente mantinha, deixa de cuidar das refeições corretamente e começa a sair sem avisar para onde vai, ele se vê confuso e desorientado. Léonce procura ajuda no médico da família, mostrando a sua frustração em relação a sua esposa e revelando que eles apenas se encontram no café da manhã, “[...] e - você entende - encontramos na mesa do café da manhã” (CHOPIN, 1988, Cap. XXII, p. 88). Aparentemente, não há mais intimidade entre o casal, mas não há uma busca de conversar, de entrar no diálogo hermenêutica da pergunta e da resposta e procurar a razão pelas ações de Edna, de

ouvir o outro e ao ouvir, entender a si mesmo. Ao contrário, há uma fuga para achar uma resposta por meio do Doutor Mandelet para solucionar rapidamente a questão. Edna é reduzida a um problema que precisa de resposta e ela é vista como alguém fora do padrão que tem ser trazida de volta a sua vivência normal.

Léonce se vê confinado pelos horizontes das suas expectativas como marido na sociedade patriarcal *Creole*. Nesse horizonte, não há espaço para uma mulher que não deseja ser dona de casa. Na definição gadameriana, ele “não vê suficientemente longe”, pois “supervaloriza o que lhe está mais próximo” (GADAMER, 1999, p. 452), isto é, os seus confortos, a sua posição como pai de família e as suas exigências enquanto provedor da casa. Segundo Noel (1996), uma pessoa assim não caminha, mas permanece imóvel, não entendendo que há perspectivas múltiplas sobre o mesmo evento, que nesse caso, é o casamento dos dois. Léonce ao encontrar o outro na sua própria esposa, vê a sua compreensão do que seja o casamento desafiada. Essa ruptura poderia levar à compreensão, aquilo que Gadamer (1999, p. 578) chama de “fusão de horizontes” que ocorre na dialética da pergunta e da resposta, levando a uma interação que cria novas perspectivas e regras para comporem o seu horizonte cultural. No entanto, quando Edna decide sair de casa e morar sozinha, Léonce busca forçar a esposa a voltar para casa, por causa da preocupação com a sua reputação financeira, “[e]le simplesmente pensava na sua integridade financeira. Poderia ser propalado que os Pontellier tinham sofrido reveses financeiros e eram forçados a conduzir a sua *ménage* de forma mais humilde que anteriormente. Poderia causar prejuízos incalculáveis aos seus negócios” (CHOPIN, 1988, Cap. XXXII, p. 126).

Léonce não dialoga com a esposa, mas pronuncia a palavra-princípio “EU – ISSO” em relação a Edna. Ao se referir à esposa, ele usa os verbos transitivos, demonstrando o seu desejo quanto a seu lar e à organização doméstica, como quando, em resposta à afirmação de Edna que ela quer pintar, ele responde, “Então, pelo amor de Deus, pinte! Mas não deixe a família ao léu” (CHOPIN, 1988, Cap. XIX, p. 77). O importante para Léonce é que ela entenda o que ele quer, o que ele pensa, o que ele sente. Ele se estabelece como “um-ente-que-é-assim e não-de-outro-modo”

(BUBER, 1974, p. 76). É preciso que Edna se encaixe nas definições de Léonce sobre como o casamento deve funcionar, definição que ele herdou como membro da sociedade *Creole*.

Por outro lado, Edna ao tomar consciência do seu casamento e desejar se libertar das amarras que a restringem, não procura explicar as suas motivações para o seu marido, “Ela começou a fazer o que queria e sentir o que queria [...] Ela fez nenhum esforço para conduzir o seu lar *en bonne ménagère*, indo e vindo seguindo as suas vontades e , à medida que conseguia, se deixando levar por qualquer capricho” (CHOPIN, 1988, capítulo XIX, p. 76). Edna não dialoga com o marido, não trata o marido como um “TU”. Ele se torna o outro, conhecido a fundo, em termos do seu papel de marido e rejeitado enquanto alguém com quem é possível dialogar. Ela expressa essa idéia quando sua amiga, Adèle Ratignolle, sugere que seria bom se Léonce passasse mais tempo em casa à noite com Edna. Eles poderiam, assim, ser mais unidos. Edna responde, “Oh! Céus não!...O que eu faria se ele ficasse em casa? Não teríamos nada para dizer um ao outro” (CHOPIN, 1988, capítulo XXIII, p. 93). A completa rejeição da possibilidade de passar mais tempo com o marido, de dialogar com ele, demonstra a relação “EU – ISSO” que Edna mantém com o seu cônjuge. Ela se vê como um dos seus pertences e “[...]determinou nunca mais pertencer a outro a não ser ela mesma” (CHOPIN, 1988, Cap. XXVI, p. 108). Em um outro momento, quando ela encontra Robert Lebrun com quem está apaixonada, ela afirma, “Não sou mais um dos pertences do Sr. Pontellier...” (CHOPIN, 1988, Cap. XXXVI, p. 146). O horizonte, definido por Gadamer (1999, p. 452) como “[...] o âmbito de visão que abarca e encerra tudo o que é visível a partir de um determinado ponto”, em que Edna se encontra vê o casamento dentro da palavra-princípio “EU – ISSO”. Não há uma tentativa de mudar esse âmbito de visão e alargar o horizonte, caminhando na dualidade “EU – ISSO” e “EU – TU”. Ela se fixa na primeira palavra-princípio e descarta a segunda.

As vozes que interpelam Edna Pontellier

Na caminhada de Edna rumo à liberdade e à expressão da sua individualidade, ela é interpelada por vozes que a chamam e, em alguns casos, a seduzem.

A voz do mar

Nas férias em *Grand Isle* com a família, ela ouve a voz do mar que convida a sua alma “[...] a peregrinar, por uma temporada, em abismos de solidão; para se perder em labirintos de contemplação interior” (CHOPIN, 1981, Cap. VI, p. 18). Edna aceita o apelo dessa voz e passa a se contemplar, examinando as suas emoções, os seus desejos e as suas vontades, “...ela descobriu que era bom sonhar e estar sozinha sem ser perturbada” (CHOPIN, 1988, Cap. XIX, p. 78). Ela anda em caminhos de solidão distante dos dois filhos, que ela enviou para passar uma longa temporada com a avó; do marido, que ela considera seu opressor; da amiga Adèle, que tem uma vida tão diferente da dela. Ela se acha, freqüentemente, perdida em devaneios e melancolia, “Não era desespero; mas lhe pareceu como se a vida estivesse passando, deixando atrás promessas quebradas e não cumpridas” (CHOPIN, 1988, Cap. XXV, p. 99). Ela anda pelos labirintos interiores da solidão, sentindo “[...]o antigo enfado alcançando-a; a desesperança que amiúde a assaltava” (CHOPIN, 1988, Cap. XXX, p. 120). Edna vivencia o estranho, que em termos da filosofia hermenêutica não é um problema a ser resolvido, mas é uma situação que nos traz sentimentos de desorientação e perda (Kerdeman, 1998, p. 5). Da ruptura do familiar podemos passar à compreensão. Assim, na ruptura que Edna vivencia, ela poderia chegar à compreensão, que envolve deixar valer em si mesmo o estranho e diferente, para saber o que é aceitável ou não nos próprios conceitos prévios. Mas para que isto aconteça é preciso haver diálogo com o outro e não somente um caminhar pelos labirintos da contemplação interior. A compreensão, no sentido hermenêutico, é essencialmente um evento comunicativo, que ocorre por meio da pergunta e da resposta no diálogo com o “TU”.

Buber (1974, p. 120) aponta os perigos dos caminhos da contemplação e da solidão, chamando a atenção para um tipo de

solidão que, em vez de purificar, cria “uma fortaleza da separação, onde o homem mantém um diálogo consigo mesmo [...]”. Essa solidão leva ao “último abismo” separando a pessoa tanto de si mesma quanto das outras pessoas. Edna corre esse perigo ao ouvir a voz do mar que a convida a andar em labirintos de contemplação interior. Como diz o narrador, “Quão poucos de nós surgem de tal início! Quantas almas se perdem no seu tumulto!” (CHOPIN, 1988, Cap. VI, p. 18).

A voz da artista

Edna sente um fascínio em relação a uma outra hóspede da pensão em *Grand Isle*, Mademoiselle Reisz. Ela é pianista e se mantém afastada dos outros hóspedes, se dignando, de vez em quando, a fazer um recital. A primeira vez que Edna ouve a pianista tocar, ela é movida por uma grande emoção, se sentindo tremula e sufocada, chorando ao ouvir a melodia (CHOPIN, 1981, Cap. IX, p. 34).

Ao voltar para Nova Orleans, Edna continua a visitar Mlle. Reisz, diferentemente de outras pessoas que a consideram uma mulher difícil. Edna explica a ela que voltou a pintar e quer se tornar artista. Mademoiselle diz que para ser artista é preciso ter dons absolutos e “[e] além disso, para ter sucesso como artista é necessário possuir a alma corajosa” que “ousa e afronta” (CHOPIN, 1981, Cap. XXI, p. 86). Edna tem talento, mas Mlle Reisz lhe diz, ao apalpar suas costas, procurando asa, “[o] pássaro que deseja voar acima do nível plano das tradições e preconceitos precisa de asas fortes. É uma visão triste ver os fracos machucados, exaustos tremulando de volta à terra” (CHOPIN, 1981, Cap. XXVII, p. 112).

Edna se vê perdida na sua confusão interior, sem conseguir se dedicar ao seu ofício de pintor. Na nomenclatura de Buber (1974, p. 70), Edna vive no arbitrário, visto que ela “desconhece o vínculo; [ela] só conhece o mundo febril do ‘lá fora’ e seu prazer febril do qual [ela] sabe se servir”. O que essa pessoa, que vive no arbitrário, chama de destino, “nada mais é do que equiparar e sancionar o seu poder de utilização. Na verdade,

[ela] não tem destino mas somente um ser-determinado pelas coisas e pelos instintos, e isto é realizado com um sentimento de independência que é justamente o arbitrário. [Ela] não tem o grande querer, este é substituído pelo arbitrário (p. 70).

Segundo o narrador, Edna não tinha ambição e trabalhava quando tinha vontade. Ela não se dedicava totalmente ao novo ofício, mas se envolvia em uma vida social, com novos amigos, e, com mais frequência, em sentir desalento e desesperança. Ela é movida pelo arbitrário e o não planejado que ocorre no seu dia-a-dia.

A voz do desejo

No casamento dos Pontellier não há desejo, mas uma dialogia do “EU – ISSO”. Assim, ela encontra o desejo fora do casamento, sentindo isso primeiro em relação a Robert Lebrun (CHOPIN, 1981, Cap. X), reconhecendo os sintomas iniciais de “paixão louca” (CHOPIN, 1981, Cap. XV).

Como o desejo dela em relação ao Robert não é realizado, em Nova Orleans com o passar do tempo e a busca de uma nova existência, Edna se deixa levar pelo desejo por Arobin, um homem de reputação manchada dentro da sociedade *Creole*. Ela se entrega a ele, “Foi o primeiro beijo da sua vida ao qual a sua natureza realmente correspondeu. Era uma tocha flamejante que acendeu seu desejo” (CHOPIN, 1981, Cap. XXVII, p. 112). Ela não sentiu vergonha nem remorso por ter traído o marido, mas “[h]ouve uma pontada de pesar porque não foi o beijo do amor que a incendiou, porque não foi o amor que segurou esse copo de vida a seus lábios” (CHOPIN, 1981, Cap. XXVIII, p. 113).

No seu relacionamento com Robert Lebrun e com Arobin, Edna pronuncia a palavra-princípio “EU – ISSO”, visto que o seu relacionamento com os dois existe no sentido de satisfazer o seu desejo, usando o verbo no transitivo, “eu desejo”, “eu quero”.

Robert sonha em casar com ela, como ele revela ao voltar do México, mas reluta quanto a esse sonho, “Eu compreendi quanto fui canalha em sonhar tal coisa, mesmo que você estivesse com vontade” (CHOPIN, 1981, Cap. XXXVI, p. 145). Edna

responde que ele tem sido muito tolo, afirmando “Não sou mais um dos pertences do Sr. Pontellier para ele usar ou não. Eu me dou onde escolho. Se ele dissesse, ‘Aqui, Robert, pegue-a e seja feliz; ela é sua,’ eu riria de vocês dois” (CHOPIN, 1981, Cap. XXXVI, p. 146). Quanto a Arobin, ela o utiliza também para satisfazer os seus desejos. Portanto, nos relacionamentos entre Edna e os seus amantes não há dialogia do “EU – TU”, em que a voz do outro é ouvida. Ao contrário, Edna pronuncia a palavra-princípio “EU – ISSO” em relação aos seus amantes.

A voz da mulher-mãe

A representante dessa voz é Adèle Ratignolle, amiga de Edna, que também passa o verão em *Grand Isle*. Ela é uma bela mulher, “uma Madonna sensual” (CHOPIN, 1988, Cap. V, p. 15), alta, loira e mãe de vários filhos, grávida novamente. Ela ama e vive para seus filhos e para seu marido, com quem é muito unida. Adèle sabe a sua posição no universo e a razão da sua existência. Ela se vê realizada como esposa e mãe e se contrasta com Edna, que confessa a Adèle, “às vezes sinto, neste verão, que estou andando novamente pela campina verde; à toa, sem rumo, sem planos e sem guia” (CHOPIN, 1988, Cap. VII, p. 22). Adèle, centrada na sua certeza sobre a sua vida, pega na mão de Edna e diz, baixinho, “Pauvre chérie”.

Edna rejeita a voz da mulher-mãe dizendo a Adèle que ela “jamais se sacrificaria por seus filhos ou por qualquer outro” (CHOPIN, 1988, capítulo XVI, p. 64). “Ela gostava dos seus filhos de uma maneira irregular e impulsiva” (CHOPIN, 1988, Cap. VII, p. 25) e quando eles se ausentam sente até um certo alívio (Cap. XVI, XXIV). Em uma cena muito marcante, em que a Sra. Ratignolle dá à luz, Edna assistindo ao sofrimento de Adèle, começa a se sentir “inquieta” “com um vago temor” e “[c]om uma agonia interior, com uma revolta flamejante e franca contra os caminhos da Natureza, ela testemunhou a cena de tortura” (CHOPIN, 1988, Cap. XXXVII, p. 149). Ao se despedir de sua amiga, ela está “atordoada e sem fala de emoção”, mas Adèle, como mulher-mãe, sussurra, “Pense nas crianças, Edna. Oh,

pense nas crianças! Lembre-se delas!” (CHOPIN, 1988, Cap. XXXVII, p. 149).

Edna fica confusa, “ ‘Eu quero ser deixada em paz. Ninguém tem direito – exceto talvez as crianças – e mesmo assim, me parece – ou parecia -’ Ela sentiu que a sua fala mostrava a incoerência dos seus pensamentos [...]” (CHOPIN, 1988, Cap. XXXVIII, p. 150). Ela afirma novamente, “Não quero nada mais além da minha vontade” , sabendo, porém, que terá que pisar nos outros para conseguir viver dessa maneira. “[M]esmo assim”, diz Edna, “não gostaria de esmagar as pequenas vidas” (CHOPIN, 1988, Cap. XXXVIII, p. 151).

Edna continua a pensar nos seus filhos, chegando a entender a sua afirmação anterior que “...ela desistiria do não essencial, mas não se sacrificaria por seus filhos” (CHOPIN, 1988, Cap. XXXIX, p. 155). “As crianças apareceram perante ela como antagonistas que a dominaram, a subjugaram e buscaram arrastá-la para a escravidão da alma, pelo resto dos seus dias” (CHOPIN, 1988, Cap. XXIX, p. 155). Assim, podemos afirmar que Edna não vê os seus filhos como o “TU” do diálogo, mas como o outro que esta em oposição, que é o inimigo e deve ser combatido. Ela não participa de um diálogo hermenêutico com os seus filhos, nem consigo mesma, a respeito da maternidade e os paradoxos envolvidos nessa condição. Ela fica confusa após ter ouvido as palavras de Adèle, mas volta, com força ainda maior, a sua posição anterior de rejeição do papel de mulher-mãe. Para Edna, a identidade não é fluida, incluindo várias características ao mesmo tempo, mas é polarizada, isto é, para ela é impossível ser independente e ser mãe. Ao contrário, na visão de Edna é preciso escolher entre uma posição ou outra.

No entanto, ao rejeitar a dialética, da pergunta e da resposta, Edna encerra a possibilidade de se entender, pois, segundo Gadamer (1999) e Buber (1974), ao dialogar e entrar em relação, e deixar valer em si o diferente, entende-se a si mesmo e passa-se da posição de não-liberto em relação a si mesmo, à de liberto. Segundo Kerdeman, essa posição de liberdade é o momento em que o ser humano acorda, “[e]star acordado é uma experiência de limite, de não estar totalmente à vontade no mundo, mas ao mesmo tempo de não estar totalmente alienado do

mundo”. (KERDERMAN, 1998, p. 5), Assim, despertar-se só é possível em relação. Dessa maneira, Edna, apesar de se sentir acordada, na verdade está ainda parada em um horizonte estreito, sem movimento, sem progressão, se perdendo em uma solidão que a isola dos outros. Edna continua alienada do mundo, já que não entra em diálogo com o mundo que a circunda.

Considerações finais: a incapacidade de Edna em achar um caminho

Edna, inserida nessa dificuldade de se libertar e encontrar o seu caminho, no capítulo final encontra, novamente, o mar. Ao se sentir rejeitada por Robert Lebrun e ao decidir que não poderá se sacrificar por ninguém, dirige-se à praia em *Grand Isle*. Mais uma vez, o narrador descreve o mar, “A voz do mar é sedutora; incessante, sussurrante, queixosa, murmurante, convidando a alma a peregrinar, por uma temporada, em abismos de solidão; para se perder em labirintos de contemplação interior” (CHOPIN, 1981, Cap. XXXIX, p. 155). No céu acima do mar, há um pássaro com a asa quebrada “oscilando, tremulando, circulando, incapacitado, em voltas até o mar” (Cap. XXXIX, p. 156). Assim como Edna não consegue caminhar seguindo a voz do artista, o pássaro não consegue voar e será tragado pelo mar.

Edna se despe e entra no mar. A sensação é envolvente, sensual. Ela nada até se sentir cansada, mas continua e pensa no seu marido Léonce e nos seus filhos. “Eles eram parte da sua vida. Mas não deveriam ter pensado que poderiam possui-la, corpo e alma” (CHOPIN, 1981, Cap. XXXIX, p. 156). Ela pensa em Mlle Reisz, criticando-a e que diz, “Que pretensões, Senhora! Um artista deve possuir a alma corajosa que ousa e afronta” (p. 156). Ela lembra da sua paixão por Robert Lebrun, “Ele não sabia; ele não entendia” (p. 156) .

“Ela olhou para a distância e o antigo terror surgiu por um instante e então desvaneceu novamente”. Edna lembra da sua infância, do seu pai, da sua irmã e então, “[h]avia o zumbir de abelhas e o perfume almiscarado de cravos encheu o ar” (CHOPIN, 1981, Cap. XXXIX, p. 157).

A vida de Edna se encerra no mar, por ela se isolar na solidão e não entrar em relação. Não poderia ser de outro jeito, pois a voz do mar a seduz e a chama para andar só e manter um diálogo somente consigo mesma. Ao rejeitar o diálogo hermenêutico, ela se vê presa a sua realidade, sem vislumbrar a possibilidade de mudança e da compreensão que resulta da fusão de horizonte. No início do romance ela está sozinha, e no final ela continua só por não ter conseguido dialogar com as pessoas a sua volta. Ela não vivencia as outras pessoas como um “TU” que permitiria deixar valer em si mesma a posição diferente da dela e assim, chegando ao acordo hermenêutico, que não é de concordância, mas de prontidão para ouvir o outro, caminhar e ampliar o seu âmbito de visão indo rumo a uma compreensão melhor. Portanto, ao rejeitar a dialogia da palavra-princípio “EU – TU”, Edna encerra a sua vida “em abismos de solidão” e se perde “em labirintos de contemplação interior”.

Referências

BUBER, M. *Eu e tu*. Trad. de Lambert Schneider. São Paulo: Centauro Editora, 1974.

CHOPIN, K. *The Awakening and selected short stories*. New York: Bantam Books, 1988.

GADAMER, H-G. On the scope and function of hermeneutical reflection. In: GADAMER, H. G. *Philosophical Hermeneutics*. Trad. de D. Linge. Berkeley: University of California Press, 1977, p. 18-43.

_____. *Verdade e método*. Tradução de F.P. Meurer. Petrópolis: Vozes, 1999.

KERDEMAN, D. Between Interlochen and Idaho: hermeneutics and education for understanding. *Philosophy of Education*, 1998. Disponível em: <<http://www.ed.uiuc.edu/EPS/PES-yearbook/1998/kerdeman.htm>>. (9p.). Acesso em: 21 fev. 2001.

RISSER, J. *Hermeneutics and the voice of the other*. Albany: State University of New York Press, 1997.

ROBINSON, M. Introduction. In: CHOPIN, K. *The Awakening and selected short stories*. New York: Bantam Books, 1988, p. vii-xxi.

TREU, R. Surviving Edna: A reading of the ending of *The Awakening*. *College Literature*, 27, n. 2, p. 21-36, Spring 2000.